

«Nós somos uma velha Nação que vive agarrada às suas tradições, e por isso se dispõe a custear com pesados sacrifícios a herança que do passado lhe ficou».

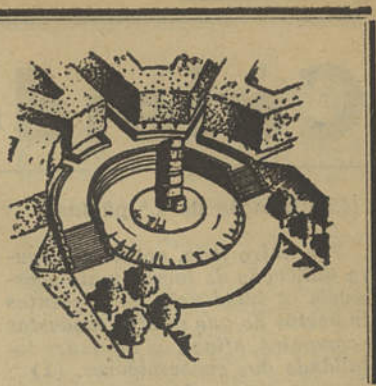
SALAZAR

ANO IX — N.º 234

AGOSTO

20

1 9 6 1



QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO

Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETARIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

GRAFICA LOULETANA

Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULÉ

IN HOC SIGNO VINCES

Já vai para sete meses que o assalto ao paquete «Santa Maria» pelo grupo de bandidos internacionais, chefiados por Henrique Galvão, colocou Portugal em alvo para todos os ataques e vilipêndios do capitalismo maçónico e do comunismo ateu, mais uma vez mancomunados, lá fora e cá dentro, para o ataque à zona do Ocidente fiel a quanto dá carácter e conteúdo à civilização latina e cristã.

Não lhe chamamos já civilização ocidental por temermos confusões, não vá o facto de Cuba ficar a ocidente legitimar o emprego do qualificativo para designar o sistema filosófico-político-e-económico situado no polo oposto...

Mas, dizíamos, vai para sete meses que Portugal está na berlinda.

O sectarismo intolerante dos que berram por liberdade para toda a gente, mas que não se conformam com que haja quem não queira adoptar-lhe os figurinos, dos que só concebem o mundo como um mercado de ciganos (que nos desculpem os ciganos)... e dos que teimam em ver um mundo real pelos óculos deformantes das suas fantasias e em dirigi-lo com teorias e panaceias só aplicáveis aos fantasmas que a sua mentalidade, aérea e infantil, vislha e deseja, a tudo tem levado.

Neste século de jazz-band, Portugal passou a ser o bombo da festa na orquestra típica da

O. N. U., em que os brancos, depois de alinharem com os pretos na execução da partitura, não de acabam por tismar o rosto para... nem na aparência, destoaram da maioria que criaram e alimentaram. Mas, não culpemos só o mundo alheio, pois não pequena tem sido a contribuição dos nacionais, quer elucidando-o com falsas e tendenciosas informações quer traindo, mais indecorosa e cobardemente a Pátria, com o seu silêncio ou com a sua passividade, só por ódio a uma política, a um governo ou a um regime, acima do qual não sabem ou não querem colocar a integridade e a liberdade da Pátria.

Acusam-nos de colonialismo e de pôr em perigo a paz mundial e a gente defende-se; vituperam-nos porque reprimimos o terrorismo e a gente defende-se; a imprensa estrangeira mente e calunia-nos e só aqui ou além aparece uma missão diplomática a medo — e quase pedindo desculpa de o fazer — a desmentir, em defesa...

Não será altura de passarmos à ofensiva? Porque não acusamos, na O. N. U., Leopoldville, o Senegal, a Guiné, o Ghana, etc., de permitirem incursões terroristas partidas do seu território e de fornecer armas ao terrorismo, pondo em perigo a paz internacional, aqui com real verdade?

(Continuação na 3.ª página)

Cartas ao Director

Ex.º Sr. Director
de «A Voz do Loulé»

Li no jornal que V. Ex.º muito superiormente dirige, que Portugal havia importado no ano findo 274.214 relógios e que apesar disso muita gente andaria atrasada neste País. — Sim senhor! muitíssimo certo, inclusive no que se refere aos organismos que regulam e fiscalizam essa coisa da importação de relojoaria — talvez por falta de corda. Em verdade, entraram no nosso País vários outros milhares de relógios que não constam (nem poderiam constar) nos serviços de estatística. Esses, que são como os outros relógios e têm corda, passaram por baixo da dita. Passaram e não pagaram imposto, o que

(Continuação na 4.ª página)

O ALGARVE e o Turismo

Mais um verão chegou. E uma vez mais se povoam, tomam vida e animam as nossas praias e logo há que citar a costa algarvia. Procuram-nas os algarvios, saudosos do mar, vêm outros do Alentejo, outras de terras mais distantes e também muitos estrangeiros. Vem, enfim, uma multidão atraída por este acariciador sol algarvio, por um clima ameno e um cenário deliciosamente belo. E o Algarve e o mar estão para sempre ligados. Jamais se fala num sem o outro, são inseparáveis num todo que se completa e conjuga. E o turista fixa-o como objectivo da sua máquina, com a sua máquina de filmar ou com o seu pincel em suas

(Continuação na 2.ª página)

Caleidoscópio

Lemos no «Diário Popular» de 25 de Julho, um vigoroso artigo, defendendo a tarifa nacional única, da electricidade idêntica à da cidade do Porto, pondo-se cõbro à injustiça das tarifas regionais. Critica o articulista os inconvenientes de termos companhias produtoras de energia, companhias distribuidoras e companhias fornecedoras, de alta e de baixa tensão, abundância imprudente por manifestamente prejudicial ao objectivo da política eminentemente social e patriótica que levou o Governo à grandiosa obra das barragens.

Num sistema curioso de trocas de força eléctrica, vivem em estreita interdependência, e, todos, economicamente, muito bem.

Aludindo às grandes companhias, verifica-se que os seus lucros confessados («Diários do Governo» 3.ª série, de Maio e Abril de 1960):

— Companhia Eléctrica das

Dr. José António
Cardoso Bastos

Por ter sido promovido a 1.ª classe, foi colocado no 10.º Juízo Correccional de Lisboa o sr. Dr. José António Lopes Cardoso Bastos, que durante alguns anos exerceu em Loulé, com proficiência as funções de Delegado de Procurador da República.

Endereçamos-lhe os nossos parabéns e formulamos votos por que prossiga com brilho na sua carreira.

Beiras, 17.074 contos (mais 60.526 contos nas maiores valias do activo).

— Companhia Reunidas Gás e Electricidade, 66.513 contos (deu de dividendo, 45.457 contos).

— Chenol, 31.733 contos.

— Companhia Nacional de Electricidade, 27.574 contos.

— União Eléctrica Portuguesa, 29.633 contos.

Isto quanto às mais poderosas empresas pois, outras há, mais pequenas mas com lucros proporcionalmente idênticos.

«Um advogado eminente, ao apreciar, há dias, estas disparidades a que o Governo, sem dúvida, vai pôr cõbro, imaginava o disparte de uma carta enviada pelo correio normal de Lisboa para o Porto custar mais caro do que se fosse mandada do Porto para Lisboa existindo também diferenças de franquia para a Guarda, Faro ou Aveiro. Não terá flagrante semelhança o caso das tarifas regionais de electricidade?

A tarifa do Porto, estabelecida por contrato em vigor deverá pois servir de «paradigma» à criação da tão ansiada e prometida tarifa única nacional.

Escusado será dizer que aplaudimos a mãos ambas o vigoroso e patriótico artigo, parecendo-nos que, do seu autor, só por maldade se poderá dizer revele menos amor à causa pública por aludir às «gordas burras» de uns poucos em prejuízo de muito mais, nesta hora austera e difícil da vida portuguesa.

(Continuação na 2.ª página)

III-O grave problema agrário UNIDOS, SIM

Foi há anos, há muitos anos mesmo, que nos deslocámos a Ferreira do Zézere a convite dum próximo parente que ali se encontrava a dirigir a construção duma estrada. A viagem nada teve de especial, e não valeria a pena referi-la se não fora uma ocorrência de certo modo hilariante relacionado com alfarrobas, e da qual fora vítima o referido parente. O caso resume-se nisto:

Como bom algarvio, o meu hospedeiro levava para ali dois sacos de alfarrobas com o propósito de as dar a uma muar que lá tinha para transporte de uma pipa de rega. Como o bicho andava esforçado com o trabalho de tracção, nada mais aconselhável do que uma boa ração de alfarrobas, intermedia com outras coisas. Nessa altura ainda não se falava em enzimas malfazejosas mas apenas em alfarrobas dotadas dum poder reconstruinte formidável. Ora bem, chegadas as alfarrobas havia que aguardar o regresso do animal que nessa altura andava lá para as bandas da Certã, ou coisa parecida, e o género foi, entretanto, depositado numa dependência onde se arrecadavam ferramentas de trabalho. Dias decorridos, o meu hospedeiro passou pelo jardim da Terra e apeteceu-lhe sentar-se num banco, junto do qual confraternizava um grupo de galactos — catralos, como lá lhe cha-

man — e no meio da algazarra que mantinha, o meu hospedeiro distinguia perfeitamente a palavra «algarvio».

Algarvio? — Algarvio ele, logo a conversa era a seu respeito. Aproximando-se mais, viu que os galactos não o reconheciam e isso deu-lhe ensejo para chegar à fala com aquela colónia de *bons-vivantes*; chegar à fala e indagar da procedência daquilo que estavam a comer — alfarrobas — numa lhaezia que se parecia com luto banquete.

Um dos miúdos, num grande avontade, explicou tudo, e disse que as alfarrobas eram surripiladas a um algarvio que as tinha em determinado lugar da Vila. Os larápios eram apenas dois ou três, os quais, dotados duma habilidade especial para negócio, convertiam o objecto roubado em moedas de tostão, pois cada alfarroba («doce», na linguagem local) valia para eles um tostão.

Não se deu por achado o meu próximo parente e foi ao depósito verificar se aquilo era assim como o galato dizia. Pois era mais que verdade, porquanto de alfarroba pouco mais restara do que o lugar! Comeram-nas em ágapes sucessivos, sendo de salientar que tratando-se dum alimento responsável pela morte de dois cavalos do exército, em época talvez coincidente com este facto, se mos-

(Continuação na 3.ª página)

A época balnear em Quarteira

A nossa praia continua a registar larga afluência de banhistas sendo notória a presença de estrangeiros, especialmente franceses, que não escondem a sua satisfação pelo acolhedor ambiente que ali encontram e pelo clima delicioso que disfrutam.

Atraídos pelas referências de compatriotas, tem procurado o Algarve para as suas férias e aqui «descobriram» um autêntico manancial de beleza, tranquilidade e clima maravilhoso. Por isso é em número cada vez maior, os franceses que procuram a nossa provincia. Quarteira tem recebido parte importante desses turistas estrangeiros, alguns dos quais tem levado dali as mais gratas recordações que os entusiasma a voltar.

E nós formulamos votos por que, ao voltarem, já encontrem Quarteira com ares de autêntica estância balnear, visto que por

enquanto apenas tem sido uma praia de ambiente acolhedor com pouco mais do que água tépida, fina areia e sol acariciador.

Isto, no entanto parece tender para transformar-se tão cedo seje uma realidade o arrojado empreendimento que a «Sotãqua» se propõe levar por deante e cujos acionistas tem empregado os seus melhores esforços para abreviar o início das obras.

Entretanto registre-se estar para muito breve a inauguração de um magnífico edifício de 36 quartos que o sr. Isidoro dos Santos fez construir em Quarteira e que, pelas comodidades de que dispõe, localização e inovação que representa, será um valioso passo para o progresso de uma praia que não tem sido devidamente aproveitada como merece.

Quarteira recebeu com com-

(Continuação na 2.ª página)

PRISMA

Secção de Casimiro de Brito

PORQUE SE LÊ?

Dois amigos meus, a propósito de livros, perguntam-se: «Porque se lê?» Aparentemente é uma pergunta fácil, vulgar. Mas acontece que esses meus amigos são pessoas responsáveis: um, formado em Letras, é um esteta de gosto refinado, um contemplativo; o outro, poeta e polemista, mordaz e audacioso, hoje um tanto afastado e descrente da geração a que pertence (que também é a minha) por motivos múltiplos. A pergunta embaraça-os. «Porque se lê?»

Por fim, um deles, o polemista,

Dr. Carlos Manuel Saraiva

Tomou há dias posse do cargo de Delegado de Procurador da República na comarca de Loulé o sr. Dr. Carlos Manuel Saraiva, que em Felgueiras desempenhava idênticas funções.

Ao novo magistrado apresentamos os nossos melhores cumprimentos de boas-vindas e de feliz desempenho das suas funções.

(Continuação na 2.ª página)

O MONUMENTO E A COMISSÃO

Agora, que o tão falado monumento ao Dr. Bernardo Lopes já é uma consoladora realidade, não ficam mal certas considerações, à guisa de relatório, tendentes a esclarecer ou informar.

Correr-se-á o risco de brigar com o princípio da modestia pelo que nelas há de pessoal. Não importa, dado que não é esse o propósito.

Recapitemos os factos: 1. Ignoramos de onde tivesse partido a ideia, aliás justíssima, do monumento.

Quem quer que fosse, pode chamar a si uma boa dose de orgulho pela sua beleza, elevação e altruísmo. A atestá-lo está o interesse que despertou e a obra acabada, em tempo que se pode considerar record, dado o curto lapso entre o passamento do homenageado e a inauguração do busto.

Não reputaríamos imoderado quem se identificasse como tal pois bem merece uma chamada especial.

2. Lançada a ideia, depressa ganhou vulto, tendo havido o cuidado de constituir a respectiva comissão para lhe dar condigna execução.

Mas, logo saltou à vista que incluía superabundância de respeitáveis figuras, é certo, mas com a pecha da heterogeneidade.

Era, porventura, uma comissão de honra mas não uma boa comissão executiva.

E, os resultados viram-se, por sinal, a curto prazo:

Uns, esqueceram que dela faziam parte e jamais compareceram a uma reunião, embora tempestivamente avisados; outros decidiram «agastar-se» porque a Comissão não operava! Saliente-se a incongruência: eram partes componentes, contudo, exteriorizaram aborrecimento, aparentemente e muito à puridade, por uma inércia que, a existir, era também a sua...

Vai daí, uns demitiram-se com as práticas de estilo a que não faltou vituperativa carta e outros consideram-se excluídos, pura e simplesmente.

Curioso referir que, tais cartas, foram dirigidas ao signatário sem motivo, próximo ou remoto. Na verdade, nunca fomos presi-

dente da Comissão nem mentor da ideia do monumento.

Dava-se até a circunstância de nos encontrarmos para com a memória do saudoso finado como qualquer mortal, isto é, o nosso quinhão na dívida era o mesmíssimo de qualquer quidem do nosso concelho.

As relações, o obséquio dos

(Continuação na 3.ª página)

QUARTEIRA

não tem médico

Quarteira é uma povoação com um numero já razoável de habitantes e com uma frequência balnear de alguns milhares de almas.

Pois quando há um acidente (e ainda há 2 dias isso se verificou) foi preciso esperar mais de 2 horas que o médico da Casa dos Pescadores, recentemente provido no lugar mas que reside em Faro, fosse encontrado e comparecesse.

No entanto parece que teria concorrido clínico com mérito, regressado de Angola e que se disporia a residir em Quarteira.

Também o médico municipal de Boliqueime, que exerce clínica em Albufeira, tem, pelo contrato, obrigação de dar uma consulta semanal em Quarteira. Dizem-nos, porém, que ainda ali não foi visto.

Há uma lei que veio sancionar este regabofe de os funcionários não residirem nos locais da função o que, em todo o País redundava em prejuízo da vida local, empobrecendo cada vez mais os valores sociais das pequenas vilas. Não nos parece porém que a natureza da função se compadeça com a ausência no que se refere a médicos.

Ao Município e à Casa dos Pescadores compete curar deste problema em Quarteira, com o critério que o funcionário é uma necessidade porque a função existe e não é esta que se cria para servir aquele.

António Aleixo:

Poeta algarvio, expontâneo e popular!

Pelo Dr. Maurício Monteiro

(CONTINUAÇÃO)

Apesar de orgulhoso reconhecia-se no entanto ignorante, fazendo das suas magoas a fonte da sua inspiração. Abre assim o poeta o seu melhor e primeiro livro

Peço às altas competências

Perdão, porque mal sei ler
Pra aquelas dificuldades
Que os meus versos possam ter.

Quando não tens há mão

Outro livro mais distinto
Lê estes versos que são
Filhos das magoas que sinto.

A sua vida, ainda que cheia de encargos e dificuldades não conseguiu todavia vencer o seu orgulho inconformista, disfarçando-se, ou melhor, diluindo-se muitas vezes em críticas e ironias elavadas de uma especial filosofia na interpretação das atitudes daqueles felizes egoístas possidentes, que ele flechava implodidamente em quadras mordazes:

Cinco contos de capital

mínimo por cada quota
em sociedades comerciais

Foi publicado um decreto-lei que eleva de 100\$00 para 5.000\$ o valor mínimo de cada quota, e fixando o capital mínimo de cada sociedade em 50.000\$00.

O valor de cada quota deve ser sempre divisível por 250\$.

Eu não tenho vistas largas
Nem grande sabedoria
Mas dão-me as horas amargas
Lições de filosofia.

Se pedir peço cantando,
Sou mais atendido assim,
Porque se pedir chorando
Ninguém tem pena de mim.

Porque o mundo me empurrou
Cai na lama, e então
Tomei-lhe a cor, mas não sou
A lama que muitos são.

Repare-se neste admirável trocadilho pleno de ironia, revestido de um profundo sabor de revolta, impregnado de amargura crítica social:

Sei que pareço um ladrão,
Mas há muitos que eu conheço,
Que sem parecer o que são,
São aquilo que eu pareço.

Esta outra de crítica às aparências e às impressões de fachada que trazem o mundo iludido:

Se o hábito faz o monge
E o mundo quer-se iludido
Que dirá quem vê de longe
Um gatinho bem vestido?

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Caleidoscópio Prisma

(Continuação da 1.ª página)

Por outro lado, constitui segura indicação de lucros mais acessíveis à incidência de recentes impostos do que muitas modestas economias, afinal, as da quase totalidade dos consumidores. (1)

Quarteira, continua com os seus muitos problemas. Como poucos encontram adequada solução não admira que o seu número vá aumentando, gradualmente.

Uns, por demandarem moroso tratamento dado a grandiosidade do fim em vista, outros, verdadeiros ovos de Colombo, apenas aguardam breve vista de olhos e pequena dose de boa vontade.

De entre os últimos, sobressai o do trânsito, na avenida à beira mar.

A extraordinária afluência de banhistas origina um intensíssimo movimento de péssimo particular relevo para as crianças cuja defesa não foi encarada.

Apesar dos cuidados dos pais, as crianças usam entrar na estrada, ainda sob o descuido com que brincaram à beira mar.

Assim é, todos os dias e a quase todas as horas. Graças à Providência, não se registou qualquer acidente, de maior gravidade, até ao presente o que não obsta venha a acontecer enquanto se deixar a prevenção à prudência de cada qual.

E que não há regras sem excepções e, ultimamente, temos constatado a frequência com que certos «ases» percorrem a avenida a velocidades criminosas.

Já ouvimos que o remédio seria abrir valetas transversais, a curtas distâncias umas das outras, que impediriam a obtenção de tais velocidades.

Impressiona que se tenha de lançar mão de obstáculo natural, mas, dado que o legal — rigorosa repressão dos contraventores — não existe, a solução não pode ser outra.

Mas, faça-se alguma coisa antes que se diga que, só depois da casa roubada puseram portas novas...

Conhecemos, recentemente, uma americana, por sinal irradiando simpatia e bem estar, nos seus sádicos cinquenta e tal anos.

Tendo passado, acidentalmente, pelo nosso País, visitou o Algarve cujo clima e litoral a extasiaram.

Apesar de não possuir família nem incentivo económico para meter ombros a empreendimentos de vulto, impressionou-se de tal modo com a nossa província que, não quis partir sem se documentar sobre a viabilidade de adquirir terreno e construir unidade hoteleira cujas proporções não explicou convenientemente.

Foi o acaso que a trouxe a Portugal.

E para admirar que, nos nossos dias, continue a dever-se ainda a tal acaso a circunstância de sermos «descobertos» pelos estrangeiros. Na verdade parecia já tempo suficiente para se fazer sentir o efeito do dinheiro gasto com a propaganda do nosso turismo.

Salvo se se gasta muito pouco ou então a dita propaganda não se revela eficiente!

(1) Vejam-se as capitações eléctricas nalguns países do Mundo, segundo elementos colhidos no «Boletim Anual das Estatísticas de Energia Eléctrica para a Europa» — 1959 obra editada pela Organização das Nações Unidas: Noruega 7.003; Estados Unidos, 4.111; Luxemburgo, 3.841; Suécia, 3.669; Suíça, 2.712; Reino Unido, 2.005; Finlândia, 1.581; França, 1.299; Países Baixos, 1.166; Rússia, 1.100; Dinamarca, 913; Itália, 844; Polónia, 747; Hungria, 614; Espanha, 457; Jugoslávia, 357; PORTUGAL, 284; Grécia, 206; Turquia, 81.

CASAS

ALUGAM-SE dois prédios, sendo um com 3 divisões, na Rua João Fernandes, e outro na Rua da Mouraria, com 4 divisões e quarto de banho.

Tratar com Manuel Guerreiro Pereira — LOULÉ.

Automóvel

VENDE-SE automóvel marca «Renault-Dauphine», em estado novo.

Tratar com Manuel Guerreiro Rosária — Avenida José da Costa Mealha — LOULÉ.

EMPREGADA

PRECISA-SE praticante de escritório que saiba escrever à máquina.

Nesta redacção se informa.

Viver em paz, é coisa que se vai tornando cada vez mais difícil.

Se tudo corre bem e o ambiente é tranquilo, daqueles que se usa dizer de «paz pôdre», as pessoas como que lhe ganham alergia, encarregando-se de forjar intriga demolidora que lhe porá côbro.

Na sua facilidade, por curioso capricho do destino, não satisfaz!

De outra maneira, se a paz é consequência de alguma dose de educação, as pessoas depressa se cansam, exteriorizando meras brincadeiras ou ironias, a princípio, que, por circunstâncias várias, culminarão em verdadeiras ferocidades tudo destruindo, à sua passagem.

O seu termo como que é imposto, em obediência a necessidade imperiosa e oculta, que ninguém ousa confessar.

Dai que, a paz e a tranquilidade pareçam existir com o aspecto de verdadeiras excepções enquanto a discórdia e a confusão revista — natureza de regras, sombrias e fatais, na vida dos povos e dos próprios agregados familiares.

Oxalá seja errado o pensamento e as circunstâncias da vida o desmintam!

X

A NOSSA ESTANTE

BOLETIM DA DIRECÇÃO GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Recebemos o n.º 27/28, correspondente a Março e Abril da série A desta útil publicação.

Subordinada (a série) à rubrica Ciência e Técnica Fiscal, o presente número, além do editorial insere, entre outros, um interessante estudo para a reforma da nossa administração fiscal, um apontamento por uma melhoria das relações entre os funcionários e os contribuintes, jurisprudência, pareceres, divulgação das obrigações tributárias a cumprir em Junho e noticiário.

BEETHOVEN

Está publicado o 16.º fascículo desta obra de Román Rolland que o maestro Fernando Lopes Graça traduziu e a Cosmos (Rua da Emenda, 111, Lx), está a editar.

AGRICULTURA

Revista da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas. Com o mesmo belo aspecto gráfico, continua a publicar-se esta interessante revista que neste número, o 9.º, insere estudos da especialidade, além dos despachos do eng.º Quartín Graça, quando Secretário de Estado da Agricultura, contendo directrizes para o fomento forrageiro e pecuário.

VERDADES NECESSARIAS PARA A SOBREVIVÊNCIA DE PORTUGAL

por Ernesto Tavares Pimenta

Com amável referência do autor recebemos este recém-editado livro e a que oportunamente nos referiremos.

DA SITUAÇÃO JURIDICA DA MULHER CASADA NO CAMPO DO DIREITO PRIVADO pelo Dr. Carlos Picoito

Vinte anos depois de ter escrito este trabalho, que foi a sua dissertação de licenciatura, resolveu este nosso amigo e distinto advogado dá-lo à estampa.

Sem ter pretensões a tratado é obra útil e meritória, pois com razoável desenvolvimento examina, com clareza, os vários aspectos sobre que pode ser estudada a capacidade da mulher casada, no campo do direito privado português.

Constituindo uma dissertação de bom nível, não deixa de ter, em muitos aspectos, utilidade como trabalho de vulgarização, o que quer dizer que tem lugar assegurado na estante do profissional e no escaparate do simples curioso, como elemento de cultura geral.

PANORAMA DO PENSAMENTO FILOSÓFICO

Edição Cosmos e direcção de Magalhães Vilhena.

Salu o 20.º fascículo que começa o estudo da filosofia medieval, com um artigo sobre o Pensamento cristão até 1200.

Trespasa-se

Por motivo de doença, trespasa-se um estabelecimento de solas, cabedais e calçado, situado num dos melhores locais desta vila.

Trespasa-se o estabelecimento ou aluga-se a casa sem mercadoria.

Tratar com Joaquim Correia Barrocal — Telef. 137 — Loulé.

(Continuação da 1.ª página)

leitura. Há de tudo, no mundo da leitura: há pessoas que lêem apaixonadamente, obcecadas e as que lêem, uma vez por outra, porque não têm mais nada que fazer. Há os que lêem por vício e os que o fazem por snobismo. Alguns lêem como refúgio — são os solitários, não sabem conviver com os outros e pensam (com acerto) que vale mais conviver mudamente com Rodrigues Miguéis do que, no café, aturar a palha do Senhor Oco ou da Menina Cretina.

Para já, uma certeza: a leitura é uma aquisição que não pesa mas enriquece. Fácil, por vezes inconsciente. O homem que lê torna-se responsável, de boa vontade, pelo simples facto de escolher «um entre outros livros», «uma entre outras ideologias», «uma (ou nenhuma) entre mais religiões». O verbo ler é o mais próximo do verbo pensar. E não há dúvida de que os que lêem são mais livres do que os outros. Apesar dos arames farpados que lhes rasgam a pele. Eles têm, em si, uma fogueira e todo um sistema de pesos e medidas dos actos humanos. Insisto: são «mais» responsáveis.

UM LIVRO EXCEPCIONAL

José Rodrigues Miguéis acaba de publicar outro livro, um romance: A ESCOLA DO PARAÍSO. É uma das obras mais importantes publicadas em Portugal nos últimos anos. Campo de acção: a Lisboa dos estereótipos da Monarquia e dos primórdios da República. Personagens: uma criança, inteligente e pasmada, em luta, convívio e amizade com os seus fantasmas de infância.

Rodrigues Miguéis gravou definitivamente o seu nome de ficcionista entre os nomes gloriosos de um Camilo, de um Eça, de um Aquilino Ribeiro. Os seus temas têm o interesse que só uma vida plenamente vivida, de coração aberto ao sonho e à realidade, ao sossego e à violência, ao delicioso e ao sórdido, a todas as nuances que o quotidiano apresenta, ensinando-nos a ler o que de eterno repousa no transitório, no circunstancial.

O estilo de Miguéis é de uma precisão e economia de meios inexcusáveis. A sua linguagem ilumina todos os eventos de uma ternura e impessoalidade notórias. Em todos os passos de Gabriel, o pequeno protagonista, nós reconhecemos imagens da nossa infância. Miguéis fala de nós. Por isso ele é um dos maiores escritores dos nossos dias, e os seus livros serão lidos enquanto for lida a língua portuguesa.

Messines, Julho de 1961

Casimiro de Brito

Ministério da Economia

Secretaria de Estado da Indústria

Direcção-Geral dos Combustíveis

EDITAL

Eu, Mário da Silva, eng.º-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis.

Faço saber que a Sociedade Nacional de Petróleos (SONAP) pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gasóleo, com a capacidade aproximada de 6.000 litros, para consumo próprio de Manuel Caetano Piriquito, sita no Arieiro, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do decreto n.º 29034, de 1/10/938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do decreto n.º 36270, de 9/5/947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, são por isso e em conformidade com as disposições do citado decreto n.º 29034, convidadas as autoridades singulares ou colectivas e apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, em 19 de Julho de 1961.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição

Mário da Silva

VENDE-SE

VASILHAME de madeira próprio para vinho e grande quantidade de garrafas.

Tratar com Luis António Pires — Telef. 246 — LOULÉ.

Palma & Simões, Limitada e actualmente PALMA & LAGINHA, LIMITADA

FAZ-SE PÚBLICO que por escritura de nove de Agosto de mil novecentos e sessenta e um, lavrada a folhas oitenta e sete, do livro oitenta e um - A, do notário do primeiro cartório da Secretaria Notarial de Faro, Licenciado Luis Augusto da Silva e Sabbo, foi alterado parcialmente o estatuto social da firma «Palma & Simões, Limitada», sociedade comercial por cotas, com sede em Loulé, pela substituição dos seus artigos primeiro e quinto, que passam a ter a seguinte redacção:

Artigo primeiro: — A sociedade adopta a firma «PALMA & LAGINHA, LIMITADA», fica tendo a sua sede em Loulé, e estabelecimento no Largo do Doutor Oliveira Salazar, vinte e seis e vinte e oito, a sua duração é por tempo indeterminado e o seu começo contar-se-á desde hoje.

Artigo quinto: — A cessação de quotas a estranhos será livre, não dependendo assim de autorização de qualquer dos sócios.

Na mesma escritura foi cedida a quota de António dos Santos Simões, a Manuel Filipe Láginha, pelo que este e Libânio Rodrigues da Palma, ficaram sendo os únicos sócios da dita sociedade.

Está conforme com o original.

Faro e Secretaria Notarial, dez de Agosto de mil novecentos e sessenta e um.

O Notário,

Luis Augusto da Silva e Sabbo

MOTA

Por motivo de retirada para o estrangeiro, vende-se uma mota «Norton» de 500 c. c. em bom estado.

Tratar com Manuela de Sousa Luis — Goncinha — LOULÉ.

António Aleixo

(Continuação da 1.ª página)

rebelia da sua inteligência, agindo num meio pobre, naturalmente propensa à crítica das misérias humanas e das desigualdades sociais. Eis algumas manifestações dos seus conceitos de revoltado.

O destino por ser forte
Esta má sorte me deu
De ter de vender a sorte
Aos mais felizes do que eu.

Há pessoas muito altas
De nome ilustrado e sério
Porque o oiro tapa as faltas
Da moral e do critério.

Engraxadores sem caíza
Há aos centros na cidade
Que só usam da tal graza
Que envenena a sociedade.

Eu já não sei o que faço
Pra juntar algum dinheiro
Se vendesse a desgraça
Já hoje era banqueiro.

Viste que te tinha visto
Rir dos farrapos que visto,
Mas não viste que eu sorri,
Se viesses e compreendesses,
Talvez não escarnecesses
De quem tem pena de ti.

Repare-se no elevado conteúdo e acentuado conceito moral destas quadras em que o autor, tocado de orgulho, declara cantar o que é seu, criticando aqueles cujo título encobre um vazio de ideais, como se fora um limão espremido; escarnecendo, com uma filosofia muito pessoal daquelas que se riem da miséria es-farrapada.

Direi mal, daqui não saio;
Apenas canto o que é meu.
Não sou como o papagaio
Que só diz o que aprendeu.

Es um rapaz instruído
Es um doutor. Em resumo
Es um limão que espremido
Não dá carochos nem sumo.

(CONTINUA)

UNIVERSALISMO de PORTUGAL

Construção de uma sociedade plurirracial

(CONTINUAÇÃO)

Várias foram as causas dos fenómenos presentes, umas externas, outras internas. As primeiras respondemos com a orgulhosa decisão de não permitirmos que intervenham na nossa vida e lembramos que «em sua casa cada um vale tanto que, mesmo depois de morto, são precisos quatro para o retirarem».

Mas, as causas internas, essas, temos de analisá-las, de as estudar minuciosamente e aplicar os remédios recomendáveis sem respeito algum por posições estabelecidas, sem atender a interesses particulares, SEM MEDO!

As terras e as riquezas de Portugal não podem ser mais de um de um ou outro homem, de um ou outro grupo de homens — tem de ser, sob pena de socobramos nos tumultos revolucionários, de todos e cada um, para todos e cada um.

Assim, pois, os nossos soldados não devem defender em Angola, como na Índia ou na Guiné, os capitais privados de companhias quase magestáticas, de gordos indivíduos que se pavoneiam nos casinos metropolitanos, mas o interesse e a economia do conjunto português e de cada um dos portugueses, quer ele seja duma ou outra parte do território nacional, indivíduo duma ou de outra raça, integrada no todo Português.

E preciso viver este momento como o do reencontro com a missão... Regados de sangue, os campos reflorescerão numa nova Primavera, não já de esperanças, mas de certezas.

Cada morto de Portugal, branco ou negro, é uma pedra para a construção de uma sociedade nova, universalista e plurirracial, cujo ponto de partida será Angola.

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

Ecos do PARRAGIL

Com geral regosio da população das áreas beneficiadas, começaram há dias os trabalhos de electrificação do sítio do Parragil, melhoramento há muito ansiosamente esperado e desejado por quantos sentem necessidade de utilizar a poderosa e utilíssima fonte de energia que é a electricidade.

E aqui, Senhoras e Senhores, começa o retrocesso do Islão. Em Marrocos, impõem-se feltorias e praças fortes; por toda a costa até à negra Senegália, contrariam-se as práticas dos traficantes mouros; na Etiópia, auxiliam-se o Négus a restabelecer a ordem cristã-copta; no Suez, destroem-se as esquadrões do Soldado do Egipto e pensa-se, até, no desvio das águas do Nilo para o Mar Vermelho; na Índia e na Pérsia, na Arábia como na Malásia, subjugam-se sultões e libertam-se populações indígenas que, como no caso de Goa, nos entregam as suas cidades e confraternizam connosco. Na própria China, se auxilia o Filho do Céu a destruir os piratas muçulmanos.

É o início da expansão europeia que abarcará o mundo, refazendo-o à sua imagem e semelhança.

A Portugal segue-se a Espanha. Depois Holanda, a Inglaterra e a França. Muito mais tarde a Alemanha e a Itália. Pela mesma necessidade intrínseca de expansão, todos partem à conquista do mundo como outrora a Grécia e Roma. Todos formarão novas Europas. Até que cheguemos ao curiosíssimo facto da velha China ceder à cultura europeia adaptando além da ciência e da técnica industrial, o nosso sistema de escrita; do Japão ser uma nação europeia de gente asiática; do Egipto faraónico e muçulmano se transformar em república quase Mussolínica; da Turquia coração do Islão, nação democrática e ocidental, considerada Europa no corpo da Anatólia.

Expansão fantástica, grandiosa, sublime. Prova irrefutável do valor imortal duma civilização. Garantia certa do futuro esplendoroso do homem europeu.

Esta é a hora de pacificação necessária a uma evolução segura mas é já a hora das grandes decisões, mas é já a hora das grandes coragens.

Combatemos em Angola para mais alguma coisa do que dominar Povos — combatemos para abolir fronteiras de raças, combatemos para não consentirmos mais fronteiras políticas.

Se nos impuzéssemos em África ou na Índia para lucro dos capitalistas metropolitanos, bem fraca seria a nossa razão política e bem fraco seria o estímulo dos nossos soldados!

Mas a razão é — tem de ser — outra!!

(CONTINUA)

A época banhear em Quarteira

(Continuação da 1.ª página)

preensível regosio o alto benefício que, traduzido na ligação da rede à subestação da CEAL, permite a utilização permanente da energia eléctrica.

Desta forma, ficou resolvido não apenas o problema da luz como também o do normal abastecimento de água, pois Quarteira estava na iminência de ficar privada desse precioso líquido por a velha bomba extractora não suportar por mais tempo o trabalho que lhe era exigido.

Porque a água agora abunda, e muito bem, instalar 3 chuveiros ao ar livre em plena praia, com utilização gratuita, o que torna a iniciativa duplamente agradável.

Cabe ainda enaltecer a iniciativa da Câmara em mandar calçar os troços de passeio da Avenida Marginal que intercalavam os de bom piso e que há longos anos aborreciam as pessoas que tinham de utilizá-los para evitar a movimentada e por isso perigosa faixa de rolagem.

A Avenida tomou assim novo aspecto no que respeita a beleza e também beneficiou em higiene, se bem que não tanto como seria para desejar, pois Quarteira continua a ser uma terra suja.

Isso em parte será devido a falta de esgotos, mas é principalmente por falta de varredores e

de policiamento, pois muita sujeira poderia e devia ser evitada, para bom nome de uma praia de tão larga frequência.

Bastaria impôr a construção de algumas fossas, que nem tão caras são e proibir o lançamento de águas, sujas ou limpas, para a via pública. A renda paga por certa pensão com larga frequência, não chegará para o senhorio conservar essa pequena obra de saneamento?

Até os hóspedes deverão sentir-se mal com o aspecto da rua...

Terminando, resta-nos elogiar a acção de quem em tão boa hora tomou a iniciativa da plantação de centenas de árvores que estão arborizando um local que já hoje é conhecido pela «Mata de Quarteira».

A altura das árvores não irá além de 2 metros, mas já proporcionam sombra acolhedora a quem deseja fugir ao escaldante sol da praia e já serve de abrigo aos inúmeros campistas que percorrem a nossa província.

Aliás um dos objectivos daquela plantação foi a criação em Quarteira de um Parque de Campismo à beira mar, iniciativa a todos os títulos louvável.

Oxalá a limpeza das árvores seja feita convenientemente, de molde a que se desenvolvam proporcional e rapidamente.

Para esse facto chamamos a atenção da entidade responsável, que nos dizem ser a Câmara de Loulé, e que, naturalmente, também não descuidará a limpeza do terreno, coisa essencial para o efeito.

PRÉDIO

VENDE-SE um réz-do-chão com cave e todas as comodidades, servindo para residência de proprietário agrícola, tendo de área cerca de 280 m2 e área total 460 m2, com planta para 1.º andar, situado na R. 28 de Maio n.ºs 8 e 10.

Nesta redacção se informa.

IN HOC SIGNO VINCES

(Continuação da 1.ª página)

Porque não acusamos, por crimes contra a Humanidade (onde estais, oh manes de Nuremberg?) os que acotam e apoiam quantos, sem reboço, se vangloriam de atrocidades no Norte de Angola, perante as quais as câmaras de gás de Buchenwald seriam misericordiosos meios de represália? Porque não acusamos a Libéria por factos de trabalho escravo que organismos da ONU deram por mais que averiguados e estão copiosamente documentados nos seus arquivos? Porque não acusamos a U. R. S. S. de criar em Berlim uma situação explosiva, capaz de lançar o mundo no abismo de uma nova guerra?

É inútil, por ter baixado infinitamente o conceito que lá se tem de coerência, de dignidade e de justiça?

Mas o nosso silêncio não seria levado à conta de concordância, de comodismo, de medo ou de falta de razão.

O pequeno David, matou o corpanzudo Gollas e um garoto demonstrou, sem custo, à multidão dos anos, dos ambiciosos e dos pusilânimes... que o rei ia nu.

Porque se não lança uma intensa e insistente campanha de esclarecimento, pelo livro, pelo folheto, pela imprensa e até por um generoso sistema de intercâmbio turístico que traga ao País, metropole e ultramar, gente que tenha olhos para ver e língua para contar?

Será caro? Mas quanto nos custará deixar que só o tempo vá repondo a verdade onde é necessário que ela se veja, enquanto actividades inconscientes vão trabalhando contra o seu regresso?

Julgamos ser sinal de novos ventos a comunicação do pedido à União Indiana para consentir na execução da sentença do Tribunal da Haia.

Vamos ver os nossos amigos e irmãos, que votaram contra nós no caso de Angola, entenderem que, estando Dadrá e Nagar-Aveli integrados na União por uma lei constitucional, é ingerência na vida de um Estado membro tratar do problema?

Que admira se, para não desacreditar as aleviosas de um palhaço que chegou mascarar-se de general, se considera confidencial o relatório oficial de um embaixador oficialmente encarregado de ver e relatar?

Parece-nos que tudo mete água e que o caminho seguido, de não colmatar o rombo e antes procurar evitar o naufrágio do navio aliviando-o, pouco a pouco, da carga, à medida que a água entra, acabará por perder tudo, incluindo o próprio barco.

É isto o que as nações ocidentais têm feito, quer nas dificuldades que a cada uma respeita (a Inglaterra, a França tudo entregaram) quer nas crises ou interesses colectivos.

Realmente, diante do perigo de uma guerra há que pensar duas

vezes, mas temos de nos lembrar que a vida não é o dia de hoje.

A vida de um homem e de uma nação é constituída pelo *passado* e pelo *futuro*. O *presente* é a rápida e transitória ponte entre os dois longos tempos.

Se o homem se vê forçado ao sacrifício diário de um prazer por solicitação do seu passado honesto ou para garantir o seu futuro possível, mais se impõe, às nações, cuja vida é muito anterior à da geração presente e deverá transcende-la até ao fim dos tempos, não sacrificar tudo ao dia de hoje.

Nós acreditamos numa Pátria a quem, como a nossa mãe, devemos a vida e por quem, como para nossos filhos, nos cumpre garantir o futuro.

Entre o passado e o futuro da Pátria, o presente não pode contar e muitas vezes, para honrar da herança deixada pelos nossos maiores, há que jogar o todo pelo todo.

Se não fora isso, não teria havido S. Mamede, nem Ourique, nem Aljubarrota, nem 1640, nem Gil Eanes, nem Bartolomeu Dias, nem Vasco da Gama, nem Mouzinho... nem talvez Portugal.

É porque temos fé (porque acreditamos que não vale a pena viver quando se perde a honra e que a justiça há-de triunfar) que, perante a demissão continua e constante dos grandes, quer dos seus direitos quer dos seus deveres, teimosamente, contra tudo e contra todos, nos mantemos de pé e em luta.

Ainda que a vitória não se visse, seria criminoso ceder. A vida de uma nação como Portugal conta-se por séculos e por isso a medida dos acontecimentos tem de fazer-se com largueza e não nos limites acanhados da vida de uma geração.

Tarde ou cedo a justiça vencerá e os erros e as traíções pagam-se, quase sempre com pesados juros.

O Tio Sam já sentiu na sua carne (que é como quem diz, nos seus avios) golpes de pirataria e outro governo, que sua democracia por todos os poros, prende e solta gerais com a maior desenvoltura só porque exprimem, por palavra, discordância com o seu presidente enquanto... ferozes ditaduras se limitam, diante de factos positivos, a remeter-lhes para o remanso dos seus lares.

Quem há aí, de boa fé e de espírito esclarecido, que não tenha a certeza que a razão, o direito e a justiça de Portugal triunfarão contra as agressões dos seus inimigos e a traição e a felonía dos seus amigos?

Seria preciso não se ser português ou não conhecer a História de Portugal.

Enquanto a sua bandeira for a das quinas — e só-lo-á sempre — tudo poderá passar mas Portugal há-de vencer — *In hoc signo vincet*. Foi prometido em Ourique.



Mesmo pelo telefone (216)

V. Ex.ª pode encomendar á

GRÁFICA LOULETANA

Todos os impressos de que necessite, na certeza

DE QUE SERAO EXECUTADOS COM

PERFEIÇÃO — ECONOMIA — BOM GOSTO

A PROPÓSITO de uma significativa homenagem

te» chegavam a rachá-lo. Pela certa rachavam-no se fosse de pinho.

E quem se não lembra do jogo do berlimde? Qual era o pagador que não tinha as unhas gastas pelo roçar do vidro?

E quando eram esferas? Com que orgulho os seus possuidores não as mostravam aos outros competidores?

Vocês lembram-se amigos, das «fitas» de cow-boy? Do cavalo rai? De Tom Mix? De Ricard Dix? De Haroll e de tantos outros com que nos entreteínhamos horas e horas a seleccionar, a apreciar, guardando religiosamente as melhores e rasgando as «fitas» sem serrilha?

E o cinema feito em casa do Zé de Sousa, projectado na parede da escada e o do «Osguinha» nas caves da sua residência?

E do botão? Ainda se lembram?

Parceiro que perdesse, perdia sempre o próprio instrumento de jogo, perdia o botão. E perdiam-se dúzias deles!

No «pique», atirado um botão contra a parede — chama-se a isto «picar» — para cair perto de um outro que, pelo parceiro, tinha sido também ricocheteado na mesma parede, aquele ganhava este se lhe ficasse a um palmo ou menos. Se ficasse mais distante, o outro parceiro levantava o seu botão e «picava-o» também, tentando, por seu turno, apanhar o que, nessa altura, se encontrava «picado».

E só acabava o jogo com a falência de um, ou com... treino de «luta livre» entre os dois.

Os inveterados jogadores, apontados a dedo, conheciam-se à légua — nos casacos não tinham botões, e nas calças só os absolutamente indispensáveis. As vezes, nem isso!

A par com a vida da brincadeira a vida séria: a doutrina e a escola.

Excelentes tempos foram esses! Lembram-se?

Na doutrina: «Dé-se a sua bênção, Sr. Prior».

E a suavidade dos cânticos: «Queremos Deus que é nosso rei, Queremos Deus que é nosso Pai».

Na escola: «Dá licença de... minha Senhora»?

E a página do:

— «Pedro, que é do livro da capa verde, que te deu o Avô? E depois a compassada e fixa. E depois a compassada e enervante lengalenga: 2x1, dois; 2x2 dez... e assim por diante até 2x10, vinte.

Volta-se ao princípio, repete-se uma, duas, e mais vezes, até ficar na cabeça.

Fixado o 2x1, seguia-se o 3x1 três; 3x2, seis; 3x3, nove; 3x4, doze; 3x5, quinze... e assim por diante até 3x10, trinta.

Também se voltava ao princípio, também se repete, até se obter o mesmo fim, e passava-se a outros números, terminando-se com o 9x1, nove... ao 9x10, noventa.

Nunca mais esqueceram os «vezes um» os «vezes dois», os «vezes três», e os outros «vezes», como nunca mais esqueceram as histórias que a Sr.ª Professora contava, desanuviando os alunos da cantarolada lengalenga.

E para muitos de nós esta lengalenga foi ouvida na saudosa escola da «Passarinha», ali no Largo da Graça, onde gerações sucessivas aprenderam a soletrar as primeiras letras.

E o pobre do Caraça, quantas vezes não teve que mandar reconstruir a parede que não maliciosamente derrubavam?

E os desafios de futebol, com bolas feitas de meias? As «guerras» que travávamos com «espadas» de madeira, em movimentadas correrias? E que mal havia num «galo» na testa se uma moeda era «remédio santo» e depois utilizada em proveito próprio?

E as «pescas» que fazíamos no Ribeiro, onde havia de tudo menos peixe? Quantas travessuras cometemos, quantas arrelhas não demos aos nossos pais com as nossas diabruras feitas nas ruas, nas casas por construir nos tanques dos arredores da vila...

Belos e despreocupados tempos que nem os nossos filhos já conhecem porque têm preocupações que não chegamos a sentir. Começam mais cedo com os «flirts», tem a televisão, o cinema, o bilhar, «snuker» e outras «ocupações» menos activas, porque os tempos agora são propícios a menos acção.

J. M. P. B.

UNIDOS, SIM

(Continuação da 1.ª página)

trasse, desta vez, simplesmente apetitoso e reconfortável.

Esta história, essencialmente verdadeira, foi-nos sugerida a propósito de certas restrições sobre emprego de alfarrobas. Aliás, ela não seria necessária, porquanto, em épocas que já lá vão e que ainda são do nosso contacto, a alfarroba era alimento de gente pobre no Algarve, cujo uso se fazia em processo estremo ou de mistura com figos torrados. Ainda hoje, no Norte de África e no Próximo Oriente, lhe dão o mesmo uso, não se sabendo, porém, se o fazem com alfarroba torrada, como aqui se fazia, ou com alfarroba crua.

O costume ou melhor a necessidade desapareceu entre nós, e ainda bem, porquanto nada se afere de lisonjear para um povo que lança mão de tais recursos.

Hoje não faltam aplicações para as alfarrobas, desde o arrastamento do gado porcino, muar, cavalar, até ao vacuum, pode dizer-se que não há espécie doméstica que não coma, com óptimo resultado, as substâncias alfarrobas. Portadoras duma quantidade de açúcar que permite transformar em álcool puro 20,12% do seu peso bruto, elas esperam pela indústria para se converter em escudos à razão de 42\$50 por arroba. Seria assim se a indústria do álcool não quisesse para si cerca de 35% como lucro embolsável.

No nosso país, porém, além da transformação em álcool, abrem-se outras perspectivas à aplicação das alfarrobas, pois a sua farinha acusa 5,80% de proteínas, 1,01% de gorduras, 68,30% de celulose e 17% de água. O bolo alimentar proporcionado pela alfarroba, inteira ou triturada, fornece energia e matéria assimilável superior à cevada ou um teor metabólico que muito o aproxima do milho.

Passando da massa de alfarroba para o uso da grãinha, novos horizontes económicos se descorriam na esperança de transformar o ambiente algarvio, da penúria que é, noutro de relativa prosperidade, que pode vir a ser. E assim damos uma resenha das possibilidades contidas nas sementes de alfarrobas, e cuja industrialização se está a fazer em vários países numa escala que nos deixa a perder de vista:

a) nos cotilédones-proteínas, 11,37%; amido, 9,2%; manose e galactose, 28,98%; celulose, 27,74%. b) Na parte branca dos cotilédones-proteínas, 7,18%; manose, 70,18%; galactose, 19,81%; cinzas, 0,81%. c) no gérmen-proteínas a, 49,58%; gorduras, 4,01%; amido, 16,85%; celulose, 2,11%; cinzas, 6,20%; indeterminados, 18,25%.

Diz a publicação donde tiramos estes apontamentos, referindo-se ao grupo c): «É um alimento energético e reconstituinte que ultrapassa todos os outros no que se refere a proteínas. Um quilo desta farinha tem mais de 4.600 calorias e, comparando-o com alguns alimentos também de grande poder energético, verifica-se que é equivalente a 16 litros de leite de vaca, 6,5 quilos de arroz, 5 quilos de farinha de milho, 4 quilos de farinha de trigo, 4 quilos de carne de vitela, 7 dúzias de ovos», etc.

Com efeito, nos países altamente industrializados, as farinhas mencionadas nos três grupos dão lugar a uma infinidade de produtos cuja cotação atinge preços bastante elevados, sobretudo aqueles rotulados como especialidades farmacêuticas.

Como esclarecimento, não será ocioso dizer que a nossa indústria de formação de semente de alfarroba ainda não passou do grupo a), embora sob o compromisso duma industrialização completa, isto é, atingir os três grupos.

Por hoje, e por nos havermos alongado bastante, ficamos por aqui. Todavia, não queremos terminar este artigo sem registar o devido apreço ao estudo feito pela Corporação da Lavoura, no sector de frutas, da qual são legítimos representantes os nossos conterrâneos Dr. Jaime G. Rua e João V. de Aragão e Moura. Trabalho árduo, sério e equilibrado, cujo sentido não pode deixar de se projectar na futura valorização das alfarrobas.

E mais uma vez: Fé e União pelo futuro da Cooperativa dos Frutos do Algarve.

GU Brastino

O Monumento e a Comissão

(Continuação da 1.ª página)

seus favores ou a honra da sua consideração não foram de molde a pautar particular dedicação.

Deviamos-lhe o respeito e a consideração, como cidadão de Loulé, bastantes para justificar o esforço possível, todavia, com certo pesar, constatámos o desinteresse de alguns que tanta gala e ostentação fizeram da honrosa amizade, em vida, claro está, do Dr. Bernardo Lopes!

3. Coincidindo com essas demissões, algo bizarras, começaram a surgir na «Voz de Loulé» alguns vigorosos artigos, de ataque à Comissão, aparentemente votados a levar aos leitores as impressões dos articulistas.

E, pouco mais:

Nunca chegámos a compreender, com clareza, o objectivo de tal campanha.

Pois se os articulistas convíviam, dia a dia, com os componentes da Comissão, mal se compreende tal campanha de caneta, por parte de quem nunca se lhe dirigiu, ou ao que dela restava, com uma sugestão, com um conselho, da boca ao ouvido. Nada disso. Apenas muitos artigos, com os nomes dos autores bem destacados, chispantes de tesuras, como se os da Comissão em exercício pudessem e tivessem que ser imolados em holocausto dos ditos artigos.

E o espantoso foi que, algumas pessoas, embaladas pelo sensacionalismo da doentia campanha, por um pouco que não secundam o ambiente de *quærens quem devoret* (buscando presa. Quem devora de S. Pedro para caracterizar o Demónio).

Por curiosa coincidência, na altura, ainda não haviam contribuído para o monumento, só o fazendo quando os da Comissão lhes fizeram o pedido formal. No entanto, a campanha estava lançada com a informação de quem recebia as dâdivas...

Não há dúvida que a impaciência ou vaidade transvasaram, despiadosamente, os cadinhos normais.

A Imprensa, é, na verdade, uma força de respeito mas cremos que jamais se bateu apenas por validade, e, no caso concreto, para concluir:

«O monumento fez-se, graças a nós»!

Até porque, não há memória de, com artigos de jornal, se conseguiu fazer qualquer monumento, grande ou pequenino...

4. Desta forma e, pelo mais que adiante se arrazoará, reputamos pouco feliz a afirmação contida, no último número deste jornal:

«A princípio estagnou, tendo sido necessário acudir a comissão respectiva de uma modorra ou de um aparente não te rales que esteve quase... à prova de bala, das muitas que desta gazeta vários admiradores do homenageado iam disparando»!

As razões estão à vista:

Se o monumento foi construído graças à generosidade dos particulares, também é verdade que, ao fim de pouco tempo, a comissão ficou reduzida aos senhores Manuel Guerreiro Pereira, João Farragota Alves, João Valadares de Aragão e Moura, Joaquim da Piedade Coelho e, ao signatário. Foram estes que calcularam alguns quilómetros para falar à generosidade de cada qual, no que foram em generalidade bem recebidos. Ouvimos algumas respostas como «passe por cá outro

dia». Ora, a vida está difícil para todos e, como é óbvio, para os ditos. Dedicar o tempo possível, é já alguma coisa. Bisá-lo era difícil ou até impossível.

Por isso, a alguns se pediu o obséquio de os substituírem, como, por exemplo, aconteceu no Barranco do Velho, com o senhor Manuel Felicidade, cuja boa vontade lhe custou um acidente em que fracturou algumas costelas, quando prestava o favor.

Fôram algo morosos os trabalhos?

E possível. Mas, não se perca de vista que as dificuldades da vida a todos assoberba.

Desta sorte, pouco custaria ser menos injusto para quem se sacrificou, de forma tão desinteressada — os da Comissão, além do mais, tinham deram o seu óbolo — materializar a justa homenagem.

Frise-se ainda que, entre os mencionados, não se encontrava um só que tivesse merecido distinção especial do ilustre Dr. Bernardo Lopes.

Por isso, falecerá coragem para apodiar de interesseiro o seu labor em memória de quem já repousava no sono da Eternidade.

Calaria fundo, pelos menos, um discreto mas sincero «bem hajam», particularmente na hora em que se falava de gratidão...

5. Amealhados e inventariados os bens recebidos, adregou surgir a colaboração do senhor Presidente da Câmara, então nomeado, que, inteirado do ocorrido, imediatamente encetou diligências para a escolha do escultor, natureza do monumento e o resto que se prendia à inauguração, de acordo com deliberação da nova Comissão.

6. Dada a divergência de opiniões sobre o local, por democrática votação, foi deliberado escolher o largo onde se encontra.

Porque a questão era de certo melindre, foi feito convite a todos os subscritores para comparecerem a tal reunião, na primeira página de «A Voz de Loulé».

Apenas lá vimos alguns componentes da nova Comissão...

7. Ainda por deliberação dos mesmos ficou assente a data da inauguração.

8. Se os acontecimentos impunham a sua alteração e não teve o luzimento que devia, nada poderemos dizer, pois, por motivos nossos, não pudemos comparecer.

Manuel Mendes Gonçalves

O ALGARVE e o Turismo

(Continuação da 1.ª página)

telas! E com eles vai um pouco do Algarve, ou melhor da costa algarvia feita do pitoresco das suas praias piscatórias, da beleza natural dos recortes das suas rochas ou ainda da extensão de horizontes e cosmopolitismo doutras numa sucessão interminável que se está valorizando pouco a pouco com os indispensáveis requisitos turísticos isto é, o Algarve torna-se uma região de turismo que a beleza única das suas praias, paisagem e clima a classificam.

E todo o Algarve se veste agora de imensos e diversos azuis do seu mar, ornado com rendas que as suas ondas bordam e com um sol glorioso, um céu suave e nostálgicamente azul faz um convite ao turista para o visitar e de certo levará uma tão agradável como grata recordação desta região que já é de momento e que será cada vez mais uma realidade turística e o estrangeiro ávido de luz e beleza passará a incluí-lo como onto indispensável no seu sugestivo roteiro de férias.

Maria Lúcia

FURGONETA

Vende-se marca Peugeot 203, estado impecável.

Tratar com José Francisco. Custódio — Estrada da Penha, 103 — Telefone 600.

F A R O

MESA

VENDE-SE uma mesa de mogno em bom estado.

Nesta redacção se informa.

NÃO COMPRE

Motores Eléctricos, Diesel e a Petróleo

sem primeiro visitar o

STAND

de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

— LOULÉ —

A TODO O ALGARVE

A PENSÃO RESIDENCIAL DO SUL, convida a uma visita à sua nova Sucursal denominada

RESIDÊNCIA DO SUL

que perfaz 80 quartos do mais moderno e elevado conforto, que lhe mereceram a classificação de 1.ª classe (categoria que lhe foi atribuída com Distinção). Os preços mantêm-se normais.

Avenida Almirante Reis, 34 — (aos Anjos)

Queira reservar o seu quarto na RESIDÊNCIA DO SUL, telefonando para 847253/4 ou 22511 — 35647

Publicações recebidas

AS FINANÇAS E A POLÍTICA DE FOMENTO

Pelo Senhor Chefe do Gabinete de S. Ex.ª o Sr. Ministro das Finanças, foi-nos enviado, numa magnífica edição um bem elaborado e elucidativo estudo, do mais alto sentido para a vida nacional sobre as «Finanças e a Política de Fomento» e os princípios informadores das propostas de lei e diplomas legais correspondentes ao período de 1956 a 1961. Duma maneira intensiva são analisadas entre outras as seguintes rubricas. Incentivos fiscais aos investimentos, Reorganização do crédito e organização do mercado de capitais. O desenvolvimento económico e algumas das suas determinantes, a preparação técnica, O ordenamento regional, Revisão geral dos direitos de importação, Aspectos gerais do financiamento do Plano de Fomento, A reforma fiscal, Planos de Fomento, Perspectivas para a economia portuguesa, Reforma dos impostos directos e reorganização da tributação do consumo, Política do bem-estar rural e uma Sinopse Legislativa, na qual se relatam todos os Decretos-Leis publicados e relativos à acção deste Minis-

tério — um dos que mais decisivamente tem contribuído, graças à boa e superior orientação, que lhe tem sido imprimida desde há muito, para o progresso nacional.

As verbas no presente estudo mencionadas, a posição interna e a situação que na economia externa temos adquiridos, são aqui magnificamente reveladas.

«ALGARVE» (TEXTO DAS CANÇÕES)

O II volume da Antologia da Música Regional Portuguesa (edição dos Arquivos Sonoros Portugueses) é dedicado à nossa província. Pretende-se assim uma maior divulgação da música popular do nosso povo, e ao mesmo tempo que a edição em disco destas canções, a edição gráfica agora surgida reveste-se do maior interesse.

Assim, se valoriza uma das riquezas maiores da nossa gente — seu folclore e suas tradições e neste caso através das suas manifestações musicais. Enriquece a presente edição, a ortografia fonética adoptada na transição dos regionalismos.

A CULTURA DA CANA DO AÇÚCAR EM QUARTEIRA do Dr. António de Sousa Pontes

Eis aqui um livro que particularmente nos interessa, pelo que de elucidativo contém, em relação a uma actividade económica, que tão vasta repercussão teve nesta região. É seu autor o Dr. António de Sousa Pontes, um homem a quem a linda Quarteira tanto deve, e no presente estudo analisa com precisão histórica os antecedentes, o momento culminante dos descobrimentos e sua influência nesta cultura entre nós e o respectivo desenvolvimento, frisando nomes e factos, com bases em documentos históricos. Fica assim assinalada, e de maneira brilhante a presença de Quarteira no itinerário histórico da vida do Infante D. Henrique no Algarve.

Automóvel

VENDE-SE um automóvel, marca «Hillman», em estado impecável. Calçado de novo. Tratar com António Francisco Contreiras — LOULÉ.

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Agosto:

Em 18, o menino João Manuel Rodrigues Guerra.

Em 20, o menino José Manuel Ascensão de Sousa Martins.

Em 21, o sr. Cândido Vieira Coelho e a menina Dora Maria Serafim Campina.

Em 22, o sr. Joaquim Hipólito Pinto Lopes, nosso prezado conterrâneo, residente em Lisboa e a sr.^a D. Maria Filipe da Conceição Contreiras, residente na Venezuela.

Em 23, o sr. Francisco Lopes Madeira, residente em Vila Real de Santo António, e a menina Dina Maria Santos Guerreiro.

Em 24, as meninas Diamantina Antonino Baeta, residente em Alcaniz e Dora Bela Viegas Guerreiro Casanova.

Em 25, a sr.^a D. Maria Guiomar Alferes Martins, a menina Aura Maria Martins Farrajota e o menino Joaquim José Gonçalves de Brito da Mana.

Em 26, o sr. José de Sousa Vairinhos, residente na Venezuela e a menina Maria Clotilde Fernandes, residente em Alcaniz.

Em 27, o sr. José Maria Carrilho.

Em 30, a sr.^a D. Lúcia Martins Seruca Machado, residente em Lisboa, e os srs. Manuel Bento Guia, residente em Grândola; Humberto Carapeto Melenas, Faustino José Pires e Jos Martins Rainha, residente em Faro.

Em 31, a menina Raimunda Maria Garcia Lourenço.

Fazem anos em Setembro:

Em 1, as meninas Olga Margarida Pires de Barros, Maria Emília Costa Mendes, Ana Maria Oliveira e Sousa, as sr.^{as} D. Maria Margarida Polinas Bolotinha, D. Joana dos Santos da Mata Pereira, residentes em Lisboa, e o sr. Amílcar Barros Carrilho.

Em 2, o sr. Dr. Mário da Costa dos Santos Vaz e a sr.^a D. Lúcia Dias Coelho Cabanita.

Em 7, a sr.^a D. Maria das Dores Dias Anastácio, o sr. José Dias Pereira, residente em Lisboa e o menino João Francisco Caracol Castanho.

Em 8, a menina Maria Alda Cavaco de Sousa.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção o nosso estimado assinante sr. Manuel Guerreiro Viegas, funcionário do 6.º Juízo Correccional, em Lisboa.

— Acompanhado de sua tia, sr.^a D. Josefa Martins Barros regressou de Villanueva de los Castillejos, a menina Quitéria Júlia Torronjo Martin.

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção a sr.^a D. Maria dos Santos Trindade,

Cartas ao Director

(Continuação da 1.ª página)

e dizer que teriam deixado de entrar nos cofres do Estado alguns milhares de contos — o que me parece um grande atraso. Aliás todos andamos atrasados neste capítulo de relógios, — todos, os que os transaccionam dentro da legalidade, porque os outros, muitíssimos mais do que estes, andam vinte e quatro horas por dia, e, por isso que proliferam em todos os cantinhos, sem empilhados nem imposto de consumo.

Que grande história é esta dos relógios! Que grande mistério são os relógios, senhores, ou vice versa; e como trabalham bem, sem nada a impedir-lhes a marcha gloriosa para a hora certa em qualquer ponto! E como são bonitos os magalhães! E tantos que são os relógios... de pulso, de algibeira, de sala, brancos, amarelos, às riscas se riscas... de carteira, de mesa, de escritório, relógios de ponto, automáticos, electrónicos, despertadores... — Ena! tantos despertadores que não acordam ninguém.

Relógios em toda a parte — nas ruas, nos cafés, à sombra, nas camionetas de carga que passam à porta das repartições, nos cais, nos cais, nas estações e... nas barbas de toda a gente!

Como é então que seriam apenas os tais 274.214 que fariam tal inundação? Como é que nos afofariamos em relógios se fossem tão pouquinhos?

— Realmente, o atraso a que se refere o vosso jornal é muito mais atraso do que aquele que se pode computar com esse número, exactamente como se afere do que se tem dito no «Diário Popular».

Que grande história é esta dos relógios...! E quem dará corda a tantos?... Que grande corda...! O que vale é que não mordem. Não mordem, isto é, mordem a alguns poucos mas engordam muitos. Que grande corda...

E todavia, tecnicamente, não se diz corda — diz-se mola.

Entretanto não temos outro remédio senão andar atrasados. Com os cordalíssimos cumprimentos do

Fernando Laginha
Loulé, 8 de Agosto de 1961.

nostra dedicada assinante na Amadora.

— Em gozo de férias, encontra-se em Loulé a sr.^a D. Maria Eleonora Gonçalves Oliveira.

— Em gozo de férias, e de visita a seus tios, encontra-se em Loulé a nossa conterrânea sr.^a D. Maria Apolinária Macias Marques, professora do Instituto Jacob Rodrigues Pereira, em Lisboa.

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção o nosso prezado conterrâneo e assinante em França sr. José Pinguinha Guerreiro, que se fazia acompanhar de sua esposa, Me. Denise Guerreiro.

— Acompanhado de sua esposa sr.^a D. Silvina Calado e filhos Guilherme Eurico, Carlos Alberto e Maria Isabel, encontra-se em Loulé em gozo de férias o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. Guilherme Calado, funcionário do Banco N. Ultramarino na cidade da Beira (Mogambique).

— Em gozo de férias, encontra-se em Quarteira na companhia de seu filhinho e esposa, a nossa conterrânea sr.^a D. Maria Isidra Rocha Contreiras Cantante, o meretíssimo Juiz em Vila Real de Santo António sr. Dr. Augusto Valente Cantante, nosso prezado amigo e assinante.

— Acompanhado de sua esposa, encontra-se a veranejar na Praia de Quarteira o nosso estimado amigo sr. João Boto Correia, que durante alguns anos foi Delegado Escolar em Loulé.

— A passar uma temporada em Loulé, está entre nós a nossa conterrânea e estimada assinante sr.^a D. Irene de Sousa Nunes Pereira, residente em Paris.

— Com sua família, encontra-se a veranejar em Albufeira o nosso prezado amigo e assinante sr. José Teixeira Faisca, chefe da Secretaria Judicial de Loulé.

— Vimos em Quarteira, onde está a passar o Verão, com sua família, o nosso estimado assinante em Lisboa sr. Eng.^o José Martins Rufino.

— Em gozo de férias, esteve em Quarteira com sua família o nosso estimado amigo em Lisboa sr. Engenheiro Joaquim Laginha Serafim.

— Também está a férias em Quarteira, com sua esposa e filha, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa sr. Joaquim Ramos Urbano.

— Acompanhado de sua esposa sr.^a D. Maria das Dores Correia Guerreiro e de seu filho Jorge Manuel, encontra-se a veranejar na praia de Quarteira o nosso prezado assinante e amigo sr. Manuel Rodrigues Guerreiro, residente em Lisboa.

FALECIMENTO

De doença súbita, faleceu em sua residência no passado dia 31 de Julho a sr.^a D. Maria da Assunção Caracol, de 67 anos de idade, esposa do sr. Mariano de Sousa Rosa e mãe das sr.^{as} Maria da Conceição de Sousa Caracol Gema, D. Zulmira Caracol de Sousa, D. Damásia de Sousa Caracol e do sr. Firmino Caracol de Sousa e irmã dos srs. José da Piedade Caracol, Francisco da Piedade Caracol e João da Piedade Caracol, residente em França, e sogra do considerado comerciante da nossa praça sr. Jorge Marinha Gema e avó dos meninos Aristides Jorge de Sousa Gema e Magna Maria de Sousa Gema.

A família enlutada endereça-nos sentidas condolências.

Serviços dos Correios

A Administração Geral dos C. T. T. decidiu elevar a classe dos postos de correio de Bordeira (Aljezur) Barranco do Velho (Salir) e Alferse (Monchique), dando assim possibilidades às respectivas populações de, em local, beneficiar do serviço telegráfico, de encomendas postais (Bordeira), bem como do de valores declarados, único meio de permutar fundos com localidades onde não existem estações dos C. T. T.

Os horários destes postos são os seguintes:

Bordeira e Alferse — das 9 às 13 e 14 às 18 nos dias úteis e das 10 às 12 aos domingos e feriados.

Barranco do Velho — das 8 às 20 nos dias úteis e das 9 às 13 aos domingos e feriados.

Dr. Vitor Mendonça Viegas

No Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras da Universidade de Lisboa, completou há dias a sua licenciatura em Finanças o nosso prezado conterrâneo sr. Dr. Vitor Mendonça Viegas, filho do nosso dedicado assinante na Venezuela sr. Manuel Viegas e de sua esposa sr.^a D. Raquel Viegas Mendonça e sobrinho do nosso estimado assinante sr. Manuel Esteves.

Ao jovem licenciado e a sua família endereçamos os nossos parabéns e formulamos votos de brilhante futuro.

A PROPÓSITO de uma significativa homenagem

Apesar do materialismo da nossa época estar fazendo esquecer o que a alma humana alberga de melhor e mais são, impelindo a que cada um pense cada vez mais em si próprio, desprezando o valor da gratidão e da verdadeira amizade, ainda surgem centelhas de puro sentimentalismo a proclamar que no fundo de cada um de nós ainda se não apagou totalmente o apego às coisas e pessoas que mais directamente nos prendem aos tempos de meninice.

Não admira por isso que tenha resultado tão simpática a reunião realizada no dia 6 do corrente entre os alunos da muito querida professora sr.^a D. Leonilde Centeno Carrilho para festejarem as suas «Bodas de Prata» do exame do 1.º grau.

O almoço, realizado no ambiente acolhedor das «Duas Sentinelas» se foi de confraternização entre os que frequentaram a 4.ª classe no ano de 1936, foi também o que frequentaram a 4.ª bém, e principalmente, uma tocante homenagem à professora dedicada e amiga que, com a bondade e paciência que ainda hoje são suas características, lhes ministrou as primeiras letras e lhes rasgou o espírito à cultura.

Quem passou 50 anos a ensinar as primeiras letras e soube viver com verdadeiro amor a nobre profissão que escolheu, é bem digna da homenagem prestada pelos seus ex-alunos de 1932/36 que assim lhe fizeram viver os momentos mais emocionantes da sua vida. E isso «ela-se» nos seus olhos, ouvia-se na sua voz, notava-se no seu semelhante.

Pode dizer-se, pois, que a festa resultou plenamente até porque foi possível reunir 17 dos 29 alunos que fizeram parte da turma, percentagem bastante elevada se atendermos a que já decorreram 25 anos e que entretanto a maioria rumou o seu futuro para longe da terra natal. A sr.^a professora D. Leonilde Carrilho não seria possível reconhecer — 25 anos depois — aqueles que entre os 7 e os 11 anos foram seus alunos, mas isso não obteve a que se sentisse verdadeiramente «em família» e a todos teste-

munhasse a sua indelevel gratidão por uma homenagem que tão profundamente a comoveu pela espontaneidade e pelo ineditismo que a caracterizou.

Durante o almoço, que decorreu num ambiente de verdadeira confraternização, vários componentes do grupo usaram da palavra para se regosijarem com a iniciativa, e saudarem a sua professora, recordando os belos e já saudosos tempos da escola primária.

No final da tocante e significativa homenagem, foi entregue à sr.^a D. Leonilde Carrilho uma valiosa salva de prata com uma inscrição a assinalar o acontecimento. Procedeu a esse gesto, em nome de todos os ex-alunos participantes, o filho do sr. José Mendonça que, por estar ausente do País, não pôde comparecer.

Estiveram presentes ao almoço os srs. António Brito Barracha, Américo Guerreiro Amado, António Luís Laginha Ramos, Francisco Leal Farrajota, Francisco Elias Garcia, Francisco da Cruz Mendes, Francisco da Silva Barreiras, Carlos Martins Gomes, Eng. Julio Cristóvão Mealha, Manuel Maria Rosa Guerreiro, Manuel Izidoro da Piedade, Manuel Farrajota Bernardo, José Martins Laginha, José Rocha, José Ramos Nascimento e Vivaldo Mendes Viegas.

Não fomos componentes do grupo porque a nossa professora foi a sr.^a D. Adélia Filho, mas somos praticamente da mesma idade e por isso vivemos a mesma época, as mesmas alegrias, as mesmas emoções, as nossas brincadeiras.

Vocês lembram-se, amigos, das nossas brincadeiras? Lembrem-se do pião? Havia-os de vários feitios e qualidades: largos ou compridos, rombudos ou bueiros, de nogueira, de amieiro e até de pinho. Estes, os de pinho — coitados — pareciam mesmo de «cristal»!

E havia exímios e afamados jogadores que atiravam os piões com o ferrão para cima! Os piões voltavam-se no ar e zuniam. Se caíam em cheio sobre o «dormen-

(Continuação na 3.ª página)

EXCURSÕES
a SEVILHA e GIBRALTAR
de 4 a 8 de Setembro de 1961
Visitando: Sevilha, Cádiz, La Linea de La Concepcion e Gibraltar.
NUM MODERNÍSSIMO AUTO CARRO
Organização da
Agência Peninsular de Viagens e Turismo
Direcção de:
M. ARCHANJO VIEGAS
Rua Conselheiro Bivar, 58 **FARO**

Jardim Zoológico

Lisboa, nestes meses de férias, atrai, como é sabido, milhares de excursionistas, vindos de todos os pontos do país. A todos se recomenda instantaneamente que não deixem de ver, na Capital, o seu Jardim Zoológico, um dos mais belos da Europa e um dos maiores atractivos da cidade. Acresce que estão quase concluídas as grandes obras em curso que vão dar ao nosso «Zoo» uma ainda mais espectacular aparência.

A nova entrada, por exemplo, que faz grande efeito, está pronta e fica mesmo em frente a dois passos da estação do Metropolitano de Sete-Rios, quer dizer, com um facilitado acesso para o público.

De resto, o Jardim das Laranjeiras, que foi uma criação lendária do Conde de Fátima, está sempre igual a si mesmo, isto é, uma verdadeira maravilha. Em cada recanto se multiplicam os seus, motivos de atracção — pormenores de beleza que ora são os seus pequeninos bosques, as suas pitorescas fontes, os seus vários lagos ou os seus bancos que ostentam os mais belos azulejos do passado.

Acrescente-se a tudo isto as instalações que servem para acolher os numerosos exemplares da fauna exótica que já habitaram a arca de Noé e são hóspedes do Jardim. Ao contrário do que geralmente se observa nos outros Zóos, essas instalações, têm um fundo cunho artístico, a condizer com as sombras do velho parque. Lembramos entre outras o Palácio das Araras; o Solar dos Leões; o Palácio dos Chimpanzés; o Pateo Rústico; a aldeia, o Ginásio e a Tenda dos macacos; o Palácio das Feras; o Castelo das Águias; a Ilha e o Fosso dos Ursos; os lagos das Otárias e Focas; as casas do Rinoceronte e dos Hipopótamos; o recinto das Girafas, dos Avestruzes e das Zebras; o recinto dos antílopes; a casa do Gorila; os diversos

aviários... Tudo obedecendo ao superior traçado do Arquitecto Raúl Lino, que tem nas Laranjeiras uma grande obra sua...

O nosso Salão de Festas, já concluído e a inaugurar brevemente fica sendo uma das grandes salas de Lisboa, onde se podem fazer exposições, ou conferências, passagens de modelos, e concertos, espectáculos os mais variados.

O novo Jardim dos Pequeninos está em via de conclusão. Já se faz ideia do que será, com a sala de diversões a acrescentar aos múltiplos encantos do seu antecessor, que fizera o seu renome e passaram todos à sua nova edição...

Grande efeito faz igualmente a nova frente que vai da Estrada de Benfica à Estrada das Laranjeiras, com os novos portões e o sumptuoso gradeamento dourado de trezentos metros.

Não esqueçamos também todas as comodidades que o visitante encontra a cada momento: Viagens no comboio, magnífico acolhimento dispensado pelos Restaurantes do Lago e da Mata, passeios de burro, viagens de elefante, de camelos ou de pônei, recreio de patinagem, e passeios de barco no Grande Lago à entrada de Sete-Rios, etc.

Não estará na verdade, mudado para as Laranjeiras o próprio Paraíso?

Não deixem de se acreditar dessa tão agradável conjectura. Quem foi a Lisboa e não viu as Laranjeiras... ficou a faltar-lhe uma das melhores recordações da viagem.

SINGER

Vende-se uma máquina de costura «Singer» em bom estado. Nesta redacção se informa.

Tenazinha e a Volta a Portugal

Ainda nos soam aos ouvidos as elogiosas referências proferidas aos microfones da Emissora Nacional e na R. T. P., em louvor do nosso valoroso ciclista, Victor Tenazinha.

A sua cotação desportiva e de atleta de excelente formação, atingiram elevado plano perante os experientes técnicos que acompanharam a prova e impuseram-se aos colegas, ao longo dos dezasseis dias em que se disputou a extenuante competição.

As referências da rádio e da televisão confirmam as esperanças dos desportistas locais na possibilidade do nosso jovem ciclista.

Está pois justificada a conduta dos muitos fans e concretizada a esperança de uma prova à altura das gloriosas tradições de um Louletano onde se não esqueceram os gloriosos Joaquim Apolo e Cabrita Mealha.

Muita há pois a esperar do Tenazinha que conta presentemente, apenas 19 anos. Oxalá os desportistas locais não o esqueçam e continuem a dispensar o seu apoio ao clube local pois só assim será possível conseguir vitórias iguais às que outrora tanta alegria nos proporcionaram.

Não foi famosa a sua classifica-

ção final devido a acidente que, na véspera, o atirou para lugar pouco compatível com a sua categoria.

Não importa. O futuro dar-lhe-á muitas mais e boas possibilidades para demonstrar o seu valor que é real e indiscutível.

O resta da equipa teve actualização mediocre. Que aproveite a lição e se tirem os necessários ensinamentos, em ordem a só consentir que as camisolas de Louletano sejam envergadas por ciclistas cujo valor nos não diminuam pondo-se assim cobro ao facto de serem atletas do Louletano os primeiros a serem excluídos da prova.

Assim foi o ano passado e também no presente.

Com poucos e bons, sim. Jamais com muitos e inferiores ou mal preparados.

Ponha-se os olhos em Tavira e atente-se nos frutos de uma preparação cuidada e com longa antecedência.

Poderemos fazer também o mesmo pois matéria prima não nos falta:

O Zé de Vale d'Eguas, Besorinho e Paulista, são promissores esperanças.

Para a frente, Louletanos!
«Um de Loulé»

Alte anseia progredir

Em cada ano se avoluma mais e mais a necessidade de ser construído um passado na Ribeira de Aguas Frias, pois é verdadeiramente desolador o isolamento em que vive a população duma vasta área da freguesia de Alte.

Quando a corrente da ribeira é caudalosa, o isolamento é completo por vários dias, o que torna impossível acudir a alguém que esteja doente ou proceder a enterramentos, pois até já aconteceu ter sido arrastado pela corrente um caixão e o burro que o transportava.

A população de Aguas Frias e Torneiros roga às autoridades que superintendem nestes serviços que providenciem urgentemente a construção do referido passado, livrando-a do pesado que representa o seu isolamento.

Por certo que a população colaborará na efectivação dessa obra, como aliás é característica dos habitantes da freguesia de Alte, cuja contribuição para obras de interesse público tem sido notória.

Devido a essa colaboração, ainda muito recentemente foi possível reparar um traço de estrada desde a saída de Alte até à estrada para o cemitério, outro tanto acontecendo com o calcetamento de uma rua de Benafim Grande.

O dinheiro para estas obras foi obtido na festa da Fonte Grande, realizada em Alte no dia 1.º de Maio, a qual tem permitido efectuar muitos outros melhoramentos de interesse público e ajudado a transformar Alte numa das mais mimosas aldeias da província.

E a propósito convém frizar que por detrás dessas festas, dessas obras que em Alte se tem realizado, há um homem que preconiza o que deve fazer-se, que agita ideias, que promove festas, que derruba dificuldades e incansavelmente trabalha por um ideal: o progresso da sua aldeia

PROPRIEDADE

VENDE-SE uma propriedade com amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras, vinha, pinheiros e mato, no sítio de Vale Verde (Almancil).

Tratar com Manuel Martins Pinheiro — Vale d'Eguas — ALMANCIL.

VENDE-SE

Um bom prédio, situado na Rua da Corredoura com rés-do-chão e 1.º andar, (residência do sr. Padre Cabanita).

Tratar com Clarimundo de Sousa Guerreiro — LOULÉ.

Automóvel

VENDE-SE um automóvel «RILEY» (de fabrico inglês), em bom estado geral.

Tratar pelo telefone n.º 3 — BOLIQUIME.

TERRENO

VENDE-SE terreno para construções na estrada de Loulé - S. Brás, na Campina de Cima (antes da CEAL).

Nesta redacção se informa.

CARIMBOS

Confie as suas encomendas à GRÁFICA LOULETANA. Perfeição, Economia, longa duração.

— LOULÉ —

JÁ SABIA?

Reabriu, sob a direcção de nova gerência e após grande remodelação o

BOMPETISCO

(o Restaurante das «Tapas»)

onde se servem os mais apetitosos almoços, jantares, ceias E PETISCOS

Rua José Fernandes Guerreiro — Telef. 348 **LOULÉ**